



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DO GÊNERO PLACA INFORMATIVA/ANÚNCIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Cristiane Coitinho de Sousa (1); Maria do Carmo Almeida de Oliveira (2);

(1. Mestranda do Profletras UEPB – Campus III – Guarabira/PB, cc_coitinho@hotmail.com, 2. Mestranda do Profletras UEPB – Campus III – Guarabira/PB, paixaosume@gmail.com)

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar o uso da variação linguística nas aulas de língua portuguesa a partir do gênero placa informativa/anúncio. Serão observados, de modo específico, os propósitos comunicativos dos produtores dos textos analisados em relação aos eixos adequação e inadequação, com base em elementos da coerência textual, entre eles o conhecimento de mundo, as inferências, a contextualidade, a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade, além da relevância presentes nas placas. Além disso, nos preocuparemos em defender um ensino de língua portuguesa amplo e não restrito ao contexto de norma padrão como único modelo a ser seguido, com orientações de metodologias possíveis a serem adotadas no tratamento das variações linguísticas em sala de aula. Ao considerar que o estudante já possui um domínio da língua, uma gramática internalizada, quando chega à escola, cabe a esta instituição propiciar a ele o contato com as mais diversas variedades linguísticas, para além do ideal linguístico e do que se considera “certo” ou “errado”, a fim de desenvolver sua competência comunicativa. Permeado por essa orientação, este trabalho – oriundo das discussões na disciplina de Gramática, Variação e Ensino, do programa de mestrado profissional em Letras, Profletras, da UEPB, campus III, Guarabira – corresponde a uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa e revisão bibliográfica nas análises das placas informativas/anúncios. Para tanto, nos embasaremos em teóricos que postulam um ensino de língua cujo foco seja o desenvolvimento da competência linguística do educando e, conseqüentemente, sua atuação como cidadão crítico na sociedade, com saberes que lhe possibilitem mobilizar o uso linguístico adequado nas diversas situações de interação verbal. Por isso, na análise das placas informativas/anúncios, serão destacados os diversos discursos que se formam em torno de realizações linguísticas que se desviam de algum modo da norma padrão ou culta de sua língua. Vê-se, assim, a importância de se colocar em diálogo textos de diferentes espécies, com diversos registros da língua, de contextos igualmente heterogêneos na sala de aula, como modo de proporcionar ao estudante a reflexão sobre os possíveis usos de sua língua para perceber que não se fala e escreve apenas de um jeito, pois há inúmeros fatores responsáveis por definir a variedade linguística empregada naquele momento.

Palavras-chave: variedades linguísticas, propósitos comunicativos, ensino de língua portuguesa

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que toda língua varia de algum modo, visto que as pessoas que fazem uso dela são diversas e vivem em contextos heterogêneos e situações diversas de uso social da língua. A variação linguística (algo tão presente no dia a dia das pessoas), é reflexo da variedade social, como afirma Possenti (2011, p. 35), pois “como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem”. Com isso em mente, esse trabalho se originou das discussões realizadas na disciplina de Gramática, Variação e Ensino do programa de mestrado profissional em letras Profletras, da UEPB, Campus III, Guarabira. Desse modo, procuramos destacar que, ao se falar de variações linguísticas, elementos múltiplos, mas específicos, condicionam o surgimento e a conservação



dessas variantes no meio social, como fatores internos da língua (mudanças na estrutura de palavras ou sentenças ao longo da história) ou fatores sociais (grau de escolarização, ambiente em que se vive).

Contudo, a escola, muitas vezes, ainda trata de forma marginalizada as questões relacionadas às variações linguísticas, como se o trabalho com esse fenômeno não fosse significativo para o ensino de língua materna. Ora, dentre as orientações fornecidas pelos PCN (2001) de Língua Portuguesa percebe-se a necessidade de valorização da oralidade pela escola. Isso porque o tratamento adequado à fala e suas variantes contribuirá efetivamente para o trabalho com a variação linguística e, conseqüentemente, para um melhor desempenho linguístico do aluno, na medida em que a escola o colocar em contato com as mais variadas formas e usos da linguagem, levando-o a reconhecer as diferenças culturais presentes na língua, para que possa ter condições de atuar nas diversas práticas sociais.

Nessa perspectiva, nos propomos neste trabalho a analisar o uso da variação linguística nas aulas de língua portuguesa a partir do gênero placa informativa/anúncio. Observaremos, desta maneira, de modo específico, os propósitos comunicativos dos produtores em relação aos eixos adequação e inadequação, com base em elementos da coerência textual, dentro da qual verificaremos o conhecimento de mundo, as inferências, a contextualidade, a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade, além da relevância presentes nas placas. Além disso, nos preocuparemos em defender um ensino de língua portuguesa amplo e não restrito ao contexto de norma padrão como único modelo a ser seguido, com orientações de metodologias a serem adotadas no tratamento das variações linguísticas em sala de aula.

Para tanto, utilizaremos os postulados teóricos fornecidos por Bagno (2009, 2011), Marcurshi (2008, 2005, 2002), Suassuna (1999), Travaglia (2009), dentre outros que postulam um ensino de língua cujo foco seja o desenvolvimento da competência linguística do educando e, conseqüentemente sua atuação como cidadão crítico na sociedade, com saberes que lhe possibilitem mobilizar o uso linguístico adequado nas diversas situações de interação verbal.

2 METODOLOGIA

Este artigo corresponde a uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa e revisão bibliográfica. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2002), pode oportunizar-nos uma maior familiaridade com o problema estudado, além de aperfeiçoar



ideias e/ou confirmar/excluir intuições cogitadas. O planejamento, neste tipo de pesquisa, possibilita, inclusive, comentários bastante flexíveis, considerando os mais variados aspectos relativos aos fenômenos estudados.

Nosso corpus de trabalho é composto por cinco placas informativas/anúncios, coletados no blog *iBahia*, disponível no endereço eletrônico <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/portugues/2014/05/14/doses-ortograficas-partiu-placas/>. Logo, nessa pesquisa, analisaremos cinco placas informativas, em diversos contextos, observando de que forma as variedades linguísticas se realizam em consonância aos propósitos comunicativos que expressam no eixo adequação/inadequação e dos elementos envolvidos na coerência textual, além de elencar estratégias de como trabalhar essa temática em sala de aula como forma de contribuir para um ensino de língua portuguesa mais amplo e democrático.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O culto e o coloquial, a adequação e a não adequação

Dentre as diversas variantes da língua, a norma-padrão ainda hoje é tida como único modelo de uso aceitável. Assim, como afirma a personagem fictícia Irene, criada por Bagno (2011), destaca-se que

no momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”... E esta norma-padrão passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua. (BAGNO, 2011, p. 25)

Por essa razão, muitos falares que se afastam da norma-padrão são ridicularizados e sofrem preconceito. Segundo Faraco (2005), é imprescindível considerar as condições de possibilidade de uma pedagogia da variação linguística sobre a qual devemos refletir sobre a construção e o ensino de uma norma culta nacional que leve em conta a história e a complexa realidade sociolinguística do português brasileiro. Para tanto, o autor sugere um efetivo debate nacional em torno dos temas da discriminação linguística e da violência simbólica. Um debate que contribua para uma apreensão clara dos nossos problemas linguísticos e que possa sustentar uma reorientação de nossas práticas de ensino, cujo resultado seja a efetiva democratização do acesso à expressão culta e a seu domínio sem que haja a desvalorização de nenhuma variedade linguística.



Logo, é necessário ampliar o debate político e conceitual sobre a expressão culta, deslocando-a do consensual para analisá-la em seu contexto de uso, no qual se apresenta problemática e pouco discutida nos documentos oficiais, considerando, acima de tudo, como ela se constituiu e que fatores atuam dinamicamente na sua efetivação.

3.2 Variação linguística e o ensino de língua portuguesa

O português falado no Brasil apresenta diversas variedades linguísticas, resultado de das diferenças de falares estigmatizados pelas diferenças sociais, econômicas e regionais que compõem nossa história e nosso território.

Segundo Gorski (2009), a língua falada pelos nossos alunos é corrigida pela escola como se esta fosse um “erro” e, portanto, histórica e socialmente descontextualizada, já que essa concepção desvincula os seus usuários de sua prática. Dessa forma, presenciamos em nossas escolas uma modelo sociocultural dominante que enfatiza as desigualdades sociais, tratando os desvios como deficiências, não considerando que a aprendizagem linguística acontece em meio às relações humanas. Conforme nos aponta Bagno (1999),

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais para a identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes - é preciso mostrar em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece aos seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se não houvesse também variação (mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados. (BAGNO, 1999, p. 16)

Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos tiveram uma contribuição significativa para a questão da variação linguística, pois passaram a focalizar fatores que influenciam na produção linguística (oral e escrita); tais fatores são: idade, grau de escolaridade, sexo, profissão, cultura, classe social, região geográfica, contexto de interação dentre outros. Levando em consideração estes fatores, o papel da escola deveria ser o de possibilitar ao aluno o conhecimento das mais variadas formas de utilização da língua. Em relação a essa variação, as metas a serem seguidas em termos pedagógicos segundo Lívia Suassuna são:

- Superar a visão da língua como sistema homogêneo, da gramática como descrição e julgamento definitivo sobre ela;
- Entender a dimensão social e cotidiana da prática linguística;
- Compreender as condições sócio históricas da constituição das variedades;



- Expor-se aos mais diferentes tipos de manifestação linguística;
- Apreciar criticamente os diversos usos da linguagem e seus efeitos;
- Viver experiências que ampliam a competência da manipulação das variedades;
- Fazer opções e seleções diante do conjunto do sistema linguístico, em função dos contextos de interação;
- Expressar-se através dos mais diferentes registros. (SUASSUANA, 1999, p. 197).

Matêncio (1994, p. 26-27) afirma que o que importa não é saber falar ou escrever, mas saber o que e de que forma falar/escrever no momento adequado à situação discursiva. Assim, falta à escola considerar a linguagem em funcionamento, não privilegiar o estudo de apenas uma das modalidades como é feito com a escrita. Deve-se proporcionar aos alunos o contato com a fala, a escrita e a leitura enquanto práticas discursivas, de forma que nenhuma se sobreponha a outra e “cada uma delas particularmente configurada em cada espaço em que seja posta como objeto de reflexão” (NEVES, 2001, p. 323).

Portanto, o reconhecimento e o uso da linguagem, como atividade cognitiva na comunidade linguística, são condições para a efetiva participação social. Ou seja, um falante de língua portuguesa necessariamente deve levar em consideração o emprego adequado da língua em diversas situações de comunicação. Para isso, é consensual que as atividades de ensino devam partir do uso linguístico dos alunos até a conquista de novas habilidades linguísticas, principalmente daquelas associadas aos padrões da escrita.

3.3 Análise de placas informativas¹

É comum as pessoas se depararem com placas informativas em variadas situações. Em alguns casos, inclusive, essas placas passam por “inspeções” daqueles que se julgam detentores de todos os conhecimentos da norma padrão da língua, o que os tornaria capazes de opinar sobre o certo e o errado nesses textos. Entretanto, eles se esquecem de observar os contextos de produção e divulgação dessas placas, além das intenções de seus produtores na veiculação de suas mensagens. Observaremos, nas duas figuras a seguir, exemplos de textos escritos com desvios ortográficos em relação à ortografia oficial da língua portuguesa:

Figura 1 – Placa de chaveiro

¹ Placas disponíveis em: <<http://blogs.ibahia.com/a/blogs/portugues/2014/05/14/doses-ortograficas-partiu-placas/>>. Acesso em 18 de setembro de 2017.



Fonte: <<http://blogs.ibahia.com/a/blogs/portugues/2014/05/14/doses-ortograficas-partiu-placas/>>

Na figura 1, podemos observar o fenômeno de hipercorreção, quando o falante utiliza uma regra aprendida (no caso, usar C em certas palavras que apresentem som de S antes de E e I, como “cego”) de forma generalizada, sem fazer a distinção das vogais pospostas. Na palavra “cegredo” o desvio de ortografia não interfere na sua leitura e compreensão, pois, nesse caso, S ou C apresentariam o mesmo som. Porém, em “cuas” a leitura e a compreensão ficam prejudicadas, uma vez que o som de C diante das vogais A, O e U não apresenta som de S e sim de K.

Já na palavra “acui”, a troca do Q pelo C ocorre porque o produtor verificou outra possibilidade fonética para a letra C, que seria o som de K. Percebemos, na placa, que o produtor faz a distinção dos sons que a letra C pode assumir, mas não domina a ortografia oficial, cometendo diversos desvios. Por outro lado, verificamos que ele tem algum contato com a língua escrita, visto que escreveu a letra U em “acui”, mesmo sem esta ser pronunciada.

Figura 2 – Placa em banheiro



Fonte: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/portugues/2014/05/14/doses-ortograficas-partiu-placas/>



Na placa 2, percebemos o fenômeno da hipercorreção no desvio ortográfico presente na palavra “hurinar”, uma vez que a letra H não é pronunciada e é encontrada em palavras como humano e humilde. Desse modo, o produtor generalizou e aplicou a regra ortográfica com base nesses exemplos citados.

Nos exemplos acima, embora se apresentem desvios na ortografia de certas palavras, é possível compreender perfeitamente a mensagem transmitida, garantindo-se a efetivação da interatividade por meio da língua. Mesmo com as grafias de urinar ou segredo, por exemplo, não se discute o que se pretende em cada enunciado. Desse modo, fica evidente que “todas as variedades de uma língua têm recursos linguísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seres humanos” (BAGNO, 2011, p. 25). Ou seja, as variedades empregadas também possuem suas regras de funcionamento e de compreensão dos falantes da língua.

Já em relação à placa seguinte, temos uma realização diferente da variação linguística:

Figura 3 – Placa de suco natural de guaraná



Fonte: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/portugues/2014/05/14/doses-ortograficas-partiu-placas/>

Na figura 3, vemos uma placa em que houve um processo de transformação de palavra, devido ao não conhecimento do produtor em relação à palavra “afrodisíaco”, a qual foi transcrita segmentada como “a flôr de zíaco”, numa tentativa de aproximar a escrita da fala. Por se tratar de uma planta, o produtor certamente associou a sílaba -fro- à palavra “flor”, com a qual tem contato, inclusive pronunciada “frô”. Por conseguinte, criou a chamada “flôr de zíaco” pela assimilação com o som da palavra original, enfatizada pelo uso do acento circunflexo. Essa alteração prejudica um pouco o entendimento da palavra, mas seu significado é recuperado após a inferência na leitura do texto como um todo, pelo conhecimento prévio de que o guaraná possui características afrodisíacas.



É válido ressaltar que, para se estabelecer a classificação das variedades linguísticas, os linguistas brasileiros optaram pelo fator grau de escolaridade. Desse modo,

Verificou-se que os negros e os brancos brasileiros não apresentam diferenças linguísticas sensíveis em suas variedades, o mesmo acontecendo com as demais etnias que compõem nosso povo. Assim também acontece com homens e mulheres. O que vai determinar a classificação das variedades é a escolarização. (BAGNO, 2011, p. 164)

Portanto, a escolaridade é um fator essencial a se levar em conta quando se pretende pesquisar as causas das variedades mais afastadas da norma-padrão da língua, de modo que falantes menos escolarizados tendem a se expressar partindo da oralidade ou de termos que fazem parte de seu cotidiano. Tal comportamento é perfeitamente aceitável, visto que, embora não de acordo com as regras oficiais da língua, esses enunciados promovem a interação entre seus interlocutores. Em contrapartida, quando nos reportamos a enunciados proferidos por entidades governamentais, espera-se uma aproximação maior com a norma-padrão e, quando isso não ocorre, pode-se observar uma não adequação linguística. Visualizamos esse ponto nas figuras a seguir:

Figura 4 – Placa de obra de Prefeitura



Fonte: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/portugues/2014/05/14/doses-ortograficas-partiu-placas/>

Figura 5 – Placa em avenida





Fonte: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/portugues/2014/05/14/doses-ortograficas-partiu-placas/>

Na figura 4, verificamos fenômenos fonológicos que resultam em desvios ortográficos. Na palavra “paivimentação” há o fenômeno da ditongação, quando o falante forma um ditongo por analogia a outras palavras que apresentam um ditongo na escrita, que não se realiza na fala. Por exemplo, a palavra caixa, que geralmente se pronuncia caxa, ou peixe/peixe. Assim, pavimentação torna-se *paivimentação*. Já na palavra *próprios*, presente na mesma figura, há o apagamento da consoante R na segunda sílaba da palavra próprios, influenciado pela fala, pois como na anterior já existe uma sílaba complexa CCV², o falante tem dificuldade em realizar uma próxima sílaba, também complexa CCV, simplificando-a no padrão silábico CV³.

Na placa 5, acontece o fenômeno da harmonização vocálica na fala, em que o falante busca elevar a vogal média O a U para aproximá-la da vogal I, que já é elevada e facilitar a pronúncia. O desvio na escrita ocorre porque o falante representou esse fenômeno da fala. Como é observado,

Podemos dizer que o que existe, de um lado, em termos de *representação ou imaginário linguístico*, é uma norma-padrão ideal, inatingível e, do outro lado, em termos de *realidade linguística e social*, a massa de variedades reais, concretas, como se encontram na sociedade. [...] essas variedades não são “coisas” prontas e acabadas, de contornos definidos. Elas têm muitas semelhanças e algumas diferenças entre si. Elas têm contatos umas com as outras, elas representam um espectro contínuo, ou simplesmente um *continuum*, como se diz nas ciências sociais. (BAGNO, 2011, p. 161)

Essa norma-padrão, como vemos, não se realiza efetivamente nem mesmo em contextos em que mais são aguardados, como nas placas oficiais.

3.4 Do coloquial para o culto na sala de aula de língua portuguesa

As aulas de língua portuguesa em um contexto em que se fala diariamente língua portuguesa, em escolas aonde estudantes chegam falando língua portuguesa, podem levantar questionamentos acerca dos objetivos do ensino de língua materna, e essas questões foram levantadas por Travaglia (2009), que elenca alguns desses objetivos:

O ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a **competência comunicativa** dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. [...] levar o aluno a dominar a norma culta ou norma padrão [e] ensinar a variedade escrita da língua. [...] levar o

² CCV – consoante + consoante + vogal.

³ CV – consoante + vogal.



aluno ao conhecimento da instituição linguística, da instituição social que a língua é, ao conhecimento de como ela está constituída e de como funciona (sua forma e função). [...] Ensinar o raciocínio, o modo de pensar científico. (TRAVAGLIA, 2009, p. 17-20)

Para que esses objetivos se efetivem, faz-se necessário que se permita na escola um diálogo entre os diversos modos de falar a língua materna. Não cabe no discurso da escola afirmar que só há um modo de se expressar na fala e na escrita, seguindo os preceitos da gramática normativa e os modelos da norma-padrão. Pelo contrário,

Não falamos nem escrevemos todos do mesmo jeito, em qualquer situação ou para quaisquer interlocutores. Falamos e escrevemos, com maior ou menor formalidade, mais ou menos à vontade, com maior ou menor espontaneidade e fluência. Há momentos, de fala ou de escrita, em que tudo o que vai ser dito pode ser dito sem muita ou sem nenhuma formalidade, como há momentos em tudo precisa ser cuidadosamente planejado e controlado. (ANTUNES, 2003, p. 52)

Essa constatação leva à reflexão de que é preciso haver respeito acerca das variações linguísticas, destacando que elas são parte de qualquer língua e não um “erro” de registro, um indício de falha comunicativa. Faz-se necessário que o estudante possa se posicionar criticamente sobre as variedades linguísticas (como as descritas nas placas informativas presentes no subtópico anterior), não para achar que, mesmo escolarizado, deva usar variantes com desvios ortográficos, mas para haver uma reflexão acerca dos agentes condicionantes de tais registros. Sendo assim, há de se levantar discussões na sala de aula acerca das noções de adequado e não adequado, deixando de lado os pré-conceitos de certo e errado, os quais desembocam na velha dualidade culto x coloquial, privilegiados x marginalizados socialmente.

Nesse caso, na escola, algumas atividades devem ser desenvolvidas para, além de preservar e acentuar o respeito às variedades linguísticas, levar o aluno à reflexão e contato para o adequado uso da norma culta de sua língua. Travaglia (2009) nos indica que, para tal objetivo, deve-se fazer uso da chamada “gramática de uso”, a qual se liga à gramática internalizada do falante, de modo a, refletindo sobre a sua própria variedade, o aluno poderá formular hipóteses e chegar ao uso culto da sua língua. Dessa forma,

nas atividades de gramática de uso não se explicitam os elementos de descrição da língua e seu funcionamento para o aluno. O professor é que tem que saber muito sobre a língua (sua estrutura e funcionamento) para selecionar e ordenar conteúdos e montar exercícios adequados ao ensino da habilidade que se pretende que seja adquirida. (TRAVAGLIA, 2009, p. 111)

Desse modo, as placas que visualizamos e analisamos podem ser utilizadas como ponto de partida para inúmeras dessas reflexões da gramática de uso, para, como atesta Travaglia (2009, p. 119), “trabalhar a diferença por exemplo entre o registro formal, da norma culta, e o registro coloquial”, pois partiria do uso coloquial para outro mais culto, destacando



que o primeiro não é errado, porém pode se tornar inadequado em certos contextos, como observamos nas placas analisadas. Aliás,. Por isso, cabe ao professor estar atento a seu papel de agente possibilitador da ampliação nos modos de uso da língua e não um veiculador de preconceitos linguísticos, caso adote apenas a norma culta como correta e aceitável em todos os contextos.

5 CONCLUSÕES

A escola atualmente evoluiu bastante em suas práticas, por isso continuar-se atrelado a noções restritas de uso linguístico revela um posicionamento bastante ultrapassado e ineficaz quando se refere ao tratamento que deve ser dado às variedades de uma língua. Nota-se, de fato, nas diversas esferas de uso da língua, uma tentativa de unificação linguística, pois se elege a norma culta como única forma de expressão aceitável nos mais diversos contextos.

Um fato que contesta essa informação são os diversos discursos que se formam em torno de realizações linguísticas que se desviam de algum modo da norma padrão ou culta de sua língua, como as placas informativas analisadas no subtópico 2.3 deste trabalho. Ao se depararem com tais variedades, muitas pessoas tendem a questionar a validade desses discursos, sem refletir sobre os seus agentes condicionantes (como a falta de escolarização). A partir desse momento, agem como extensão da norma, destacando “erros” e comparando-as com as realizações da forma culta da língua, como modo de desprestigiar as variedades e marginalizar seus usos.

Entretanto, é essencial que se esclareça o fato de que a variação linguística existe porque os falantes da língua também são variados, advêm de lugares e épocas distintas, de classes sociais e graus de escolarização diferentes, de gerações e grupos sociais também diversos. Portanto, exigir que se fale e escreva apenas de um modo (conforme a norma padrão) é mais uma forma de exclusão que separa aqueles que mais se aproximam do culto daqueles que se afastam desse modelo de “perfeição” ditado e quase nunca alcançável.

A escola, como agente transformador de discursos negativos como esse, deve agir de maneira a aproximar o estudante da variedade da norma culta, sim, mas sem desvalorizar, com isso, nenhuma outra. Por isso, vê-se a importância de se colocar em diálogo textos de diferentes espécies, com diversos registros da língua, de contextos igualmente heterogêneos, como modo de proporcionar ao estudante a reflexão sobre os possíveis usos de sua língua para perceber que não se fala e escreve apenas de um jeito, pois há inúmeros fatores responsáveis por definir a variedade linguística empregada naquele momento.



A língua é viva, falada e escrita por pessoas, por gente “de carne e osso”. Então, por que tratá-la como um aparelho normativo fixo e inalterável? Ter consciência dessa questão central de qualquer língua é essencial na tarefa de não disseminar o preconceito linguístico e promover a interação entre os seus usuários, seja por meio de qualquer variedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. (orgs.) **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. Norma Culta Brasileira: construção e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GORSKI, Maria Edair. COELHO, Lehmkuhl. **Variação linguística e ensino de gramática**. Work.pap.linguistic: Florianópolis, 2009

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado das letras. (Coleção letramento, educação e sociedade.), 1994.

NEVES, Maria Helena Moura. Língua falada, língua escrita e ensino: reflexões em torno do tema. In: URBANO, H. et. al. **Dino Pretti e seus temas: oralidade, literatura, língua e ensino**. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

SUASSUNA, Livia. Variação Linguística e produção de texto: um estudo de caso. In: VALENTE, André. (org.) **Aula de Português: perspectivas inovadoras**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

TRAVAGLIA, L. C.. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.